



A Produção Jornalística na Escola: uma Análise da Educomunicação no Programa Mais Educação em Teresina¹

Jhussyenna Reis de OLIVEIRA²
José da Cruz Bispo de MIRANDA³
Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI

Resumo

Este trabalho investigou de que forma produtos típicos das práticas jornalísticas, como o jornal e a rádio, são produzidos por estudantes e professores das escolas da rede pública em Teresina. Refletimos sobre a relação entre o fazer jornalístico e a postura das crianças perante a cultura da mídia, questionando ainda se isso afeta ou não o bom exercício da cidadania. O trabalho foi desenvolvido por meio de leituras bibliográficas, entrevistas, visitas nas escolas e análise documental. Constatou-se que o Mais Educação, programa que promove as atividades de educomunicação na escola, apesar de estar em fase de implantação leva até a escola uma perspectiva diferenciada. As atividades têm assumido um papel de complemento escolar para públicos diferentes: alunos que aprimoram sua produção textual e monitores que utilizam a prática como laboratório técnico.

Palavras-chave: educomunicação; jornal; rádio; produção jornalística; cidadania.

Introdução

A comunicação e educação são áreas do conhecimento que relacionam-se direta e indiretamente. Esta é uma afirmativa que nos conduz, entre outras reflexões, à Educomunicação. É nesse novo campo que está inserida a presente pesquisa. Assim, o artigo propõe uma reflexão a cerca dos impactos da inserção de atividades tipicamente jornalísticas dentro do ambiente escolar.

A relação das duas áreas citadas já desperta o interesse de pesquisadores e estudiosos há alguns anos. Soares (2000), por exemplo, defende a tendência de uma interseção entre duas áreas historicamente bem distintas. O autor explica que a apesar da Educação e Comunicação terem sido separadas pelos paradigmas iluministas, sendo quase isoladas

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social da UESPI, email: jhussyenna@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Pedagogia do CCECA-UESPI, email: nupecso.uespi@gmail.com



uma da outra, os grandes estudiosos de ambos os campos e as pressões tecnológicas da modernidade nos conduzem inevitavelmente à ação conjunta entre ambas.

“Não há dúvida que se vai consolidando, principalmente na América Latina, uma teoria de referências que sustenta a inter-relação da comunicação e educação como um campo de diálogo, de espaço para o conhecimento crítico e criativo para a cidadania e solidariedade, assim como para a valorização da cultura popular. Essa inter-relação vai tomando forma como um campo de intervenção social específico, dando origem à Educomunicação”. (TERRAZAS, 2002, p.99)

Como exemplo desta tendência temos o próprio Ensino à Distância, que tem ganhado cada vez mais espaço no Brasil, e utiliza um ambiente totalmente midiático para promover a educação: o ciberespaço. Essa intimidade entre as duas áreas são, portanto, reais e cada vez mais evidentes, mas que necessitam de maior atenção, perante o risco de o professor compreender a comunicação não como meio, mas apenas como objeto. “Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação”. (SOARES, 2000, pg.20)

Diante disso, o artigo apresenta uma breve contextualização sobre o programa Mais Educação aplicado às Escolas Públicas de Teresina, e está estruturado da seguinte maneira: a princípio faz-se a contextualização do Programa, em seguida tem-se a abordagem do tema “educomunicação” a partir do Programa, expõe-se a metodologia utilizada, que tem como foco as entrevistas, análise documental e as visitas in loco, segue a exposição e discussão dos dados levantados e as considerações finais.

O Programa Mais Educação em Teresina

O programa intitulado Mais Educação foi instituído pela Portaria Interministerial n.º 17/2007, sendo definido como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral, além de ser uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). O programa é, de um modo geral, uma espécie de mecanismo de adequação ao modelo de Educação Integral no contexto brasileiro.

Com a leitura do Texto Referência para o Debate Nacional, lançado em 2009 pelo Ministério da Educação, observa-se que são as diferenças sociais gritantes da sociedade



brasileira que impulsionaram a adoção da Educação Integral. Com a divulgação cada vez mais corriqueira de dados negativos relativos à educação dentro do país através de indicadores como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), as carências na educação básica foram ainda mais evidenciadas esquentando os debates à nível nacional.

Em 2006, em uma escala de 0 a 10, o IDEB identificou sistemas de ensino com índices que variavam de 1,8 a 6,0 e escolas que variavam de 0,7 a 8,2. Essa discrepância revela profundas desigualdades nas condições de acesso, permanência e aprendizagem na educação escolar, refletindo a complexidade de um processo em que se entrelaçam diversos fatores relativos tanto à estruturação social, política e econômica da sociedade brasileira, quanto ao trabalho pedagógico realizado no cotidiano por professores e demais profissionais nas escolas públicas. (BRASIL, 2009, pag.11)

Assim, o público-alvo do programa são as escolas públicas que possuem baixos valores no IDEB e que estão localizadas prioritariamente em áreas com situações consideradas de vulnerabilidade social. Na prática, o programa preenche a carga horária com propostas de atividades interdisciplinares que fazem parte de um currículo integral. Para tanto, foram desenvolvidos os chamados macrocampos de atuação, que englobam áreas sociais importantes. São eles: Acompanhamento Pedagógico, Meio Ambiente, Esporte e Lazer, Direitos Humanos em Educação, Cultura e Artes, Cultura Digital, Promoção da Saúde, Educomunicação, Investigação no Campo das Ciências da Natureza, Educação Econômica.

Vale destacar que uma das principais características dessa almejada educação integral é o ingresso de novas figuras dentro do espaço escolar, antes restrito à docentes e discentes. O resultado disso é a interação entre diversos profissionais, conhecimentos variados que implicam diretamente na formação final dos alunos: contribuindo para formação da cidadania.

A educação está abrindo um espaço antes inimaginável, onde os demais profissionais, os educadores populares, estudantes e agentes culturais (monitores, estudantes universitários com formação específica nos macrocampos) tornam-se figuras comuns dentro das escolas. Vale ressaltar que essa relação tem base no serviço voluntário, observando-se a Lei nº 9.608/1998. “Trata-se de uma dinâmica instituidora de relações



de solidariedade e confiança para construir redes de aprendizagem, capazes de influenciar favoravelmente o desenvolvimento dos estudantes”. (BRASIL, 2009, pg.14)

Dos macrocampos citados anteriormente, interessa-nos entender a Educomunicação. De acordo com Miranda (2006) a educomunicação é uma área de conhecimento que possui interface entre a educação e a comunicação. Para a autora, é essa relação que possibilita crianças e jovens ampliarem sua atuação na política, no uso de meios tecnológicos no processo ensino-aprendizagem e, inclusive na produção de significados comuns entre os grupos sociais. Nesse sentido, podemos recordar os pontos abordados por Freire quando tece suas críticas à uma educação que insiste em pregar uma forma unilateral de aplicação. Os alunos agora deixam o posto de ouvintes submissos aos conhecimentos já engessados e passam a ser colaboradores na construção desse conhecimento.

A comunicação é um processo indispensável ao processo de hominização, o seu uso arrasta homens e mulheres para a razão e consciência do seu próprio mundo. Freire (1983, p. 46) afirma que “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam significação dos significados” (grifo nosso). Neste sentido, Paulo Freire aponta para um determinado tipo de comunicação no qual produtores e receptores são ativos, uma questão cada vez mais evidente na sociedade atual. Exatamente isso que os princípios da Educomunicação, expressos por (Soares, 2000) nos apontam, são eles:

- a Educação para os Meios, promotora de reflexões sobre a formação de receptores críticos;
- o uso e o manejo dos processos de produção;
- a utilização das tecnologias de informação e seus produtos no contexto do ensino-aprendizagem;
- a comunicação interpessoal no relacionamento de grupo.

A ênfase no relacionamento e no processo mais do que no método e no fim do mesmo, é sem dúvida a esperança para a quebra dos velhos conceitos de educação, cuja consequência em longo prazo é a formação dos tão sonhados receptores críticos. De acordo com Dolabella (2007) a possibilidade de refletir sobre os processos midiáticos e



a contribuição de seu uso na escola permite aos alunos e professores um olhar mais crítico para a abordagem dos meios de comunicação e de seu produto na sala de aula, não apenas para questioná-los, mas principalmente, para saber lidar com eles – sua linguagem, suas estratégias, suas formas de produção.

Assim, o contato com as diferentes mídias dentro do ambiente escolar pode ampliar o leque de interação dos futuros cidadãos (alunos) com a própria sociedade. A autora citada demonstrou que o uso dos meios de comunicação na educação, ou até mesmo “a educação para mídia”, termo por ela utilizado, é um passo importante na construção da cidadania.

Após esclarecidos esses aspectos do macrocampo, temos as atividades específicas propostas pelo MEC: Jornal Escolar, Rádio Escolar, História em quadrinhos, Fotografia e Vídeo. O campo da comunicação possui diversas ramificações, para efeito do presente estudo, selecionaram-se aqui somente as atividades relacionadas especificamente com o Jornalismo, sendo elas: o Jornal Escolar e a Rádio Escolar.

É a partir das duas atividades escolhidas, que o presente trabalho observou o desenvolvimento específico de ambas, bem como a avaliação dos participantes diante do processo.

Procedimentos Metodológicos

Foram realizadas visitas à Secretaria de Educação e Cultura do Piauí (SEDUC-PI) para coleta dos dados primários e as visitas nas escolas. As informações obtidas originam-se do acompanhamento das atividades durante o período de 6 meses, das entrevistas com as coordenadoras do Mais Educação nas duas escolas selecionadas, com os monitores e entrevistas com 30 alunos de cada instituição, além de análise documental dos projetos e relatórios apresentados pelas escolas.

Dados e Discussão

A princípio, o objetivo era quantificar as escolas que já estavam aplicando o projeto, e assim selecionar o universo da pesquisa. Entretanto, notou-se que os dados fornecidos pela Secretaria de Educação do Estado (SEDUC) não correspondiam perfeitamente à realidade das escolas. Por exemplo, segundo a SEDUC, são 126 escolas na capital que



aderiram ao Programa Mais Educação, sendo 46 destas com a aplicação do macrocampo Educomunicação. Por sua vez, 36 escolas trabalham a atividade “Rádio” e 10 escolas com a atividade “Jornal”. Nesse universo, apenas 7 escolas optaram pelas duas atividades concomitantemente.

Dispondo dos dados fornecidos, optamos por selecionar as escolas que trabalham com as duas atividades Rádio e Jornal. Entretanto, o número inicial de 7 escolas acabou sendo reduzido à 3 e, logo em seguida à 2 escolas da rede estadual. Assim, foi por meio das visitas e primeiras entrevistas, que constatamos a presença das duas atividades em apenas duas unidades escolares, as quais nomeamos aqui de Escola 01 e Escola 02.

Com base no Plano de Ação, apresentado apenas pela Escola 01, e as entrevistas realizadas com as coordenadoras do projeto em ambas as unidades de ensino, foi possível entender em que fase de implantação do Projeto elas se encontram. Destacamos as seguintes características:

Quadro 01. Perfil do Programa Mais Educação nas escolas estudadas

Escola 01	Escola 02
Implantação do projeto em 2008	Implantação do projeto em 2008
272 alunos no projeto	150 alunos no projeto
Localizada em área periférica	Localizada em área considerada de alta vulnerabilidade social
Alcançou o maior IDEB do Estado: 6.2	Possuía um IDEB baixo de 2,2 que evoluiu para 3,0 em 2010
Já pode ser considerada em sistema integral: todos os alunos estão no Mais Educação	Funciona em sistema parcial, nem todos os alunos participam do Mais Educação
Kit's do MEC completos, mas monitores sentem falta de alguns aparatos	Kit's do MEC completos, mas monitores sentem falta de alguns aparatos
Nenhum registro de gravações, os programas foram transmitidos ao vivo, sem armazenamento.	4 programas de rádio gravados
Ausência de material impresso produzido até o final desta pesquisa	Ausência de material impresso produzido até o final desta pesquisa
Sem parceiros	Parceria com Organização Não-Governamental
Ausência de visitas técnicas	Visitas à meios de comunicação

FONTE: Autora, 2010



Com base nos dados acima, podemos perceber que as escolas se encontram em fases bem distintas da aplicação do projeto. Um detalhe importante é a pontuação de IDEB que ambas apresentam. A Escola 01 já apresentava um quadro mais propício a aceitação do programa, por parte de pais e alunos, enquanto a Escola 02, viu no programa um instrumento para gerir melhor o desempenho e rendimento dos alunos. A mudança no índice dessa segunda escola é fato celebrado por professores e monitores, que além da melhoria no aprendizado citam outras atribuições do Mais Educação. Isso porque abrir um espaço a mais dentro do ambiente escolar distanciou as crianças e adolescentes do contato com as drogas e violência, presentes inevitavelmente na vizinha.

A produção jornalística na Escola

Em seu artigo “Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da educomunicação”, Ismar Soares cita a educação para a comunicação, o uso das tecnologias na educação e gestão comunicativa como objetivos integrantes da Educomunicação. O autor explica que esses caminhos se cruzam exatamente por que a educomunicação tem cada vez mais se entrelaçado com a cidadania.

Por está diretamente ligada à formação da cidadania, perdura no contexto escolar atual um desafio enorme quanto à sua metodologia de ensino. Isso porque as mudanças tecnológicas da informação geram uma espécie de pressão não apenas aos professores, mas a todos as figuras que compõe o sistema público de ensino: professores, técnicos, alunos e, recentemente, a figura dos voluntários.

Os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola, sobretudo, um desafio cultural, que deixa visível a brecha cada dia maior entre a cultura a partir da qual os professores ensinam e aquela outra a partir da qual os alunos aprendem. Pois os meios de comunicação não somente descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber, mas constituem um âmbito decisivo de socialização, de dispositivos de identificação/projeção de pautas de comportamento, estilos de vida e padrões de gosto. (MORAES, 2004, pag.67)

Nesse sentido a mudança no comportamento social é o fato mais relevante apontado nesta pesquisa. Crianças que costumavam ser agressivas e inquietas, apresentaram mudança de atitude ao receber “poderes de jornalista”. A Teoria do Gatekeeper, que cita a função de seleção dos assuntos que serão ou não notícia é um conceito interessante de ser lembrado aqui. No jornalismo, é denominado de gatekeeper aquele

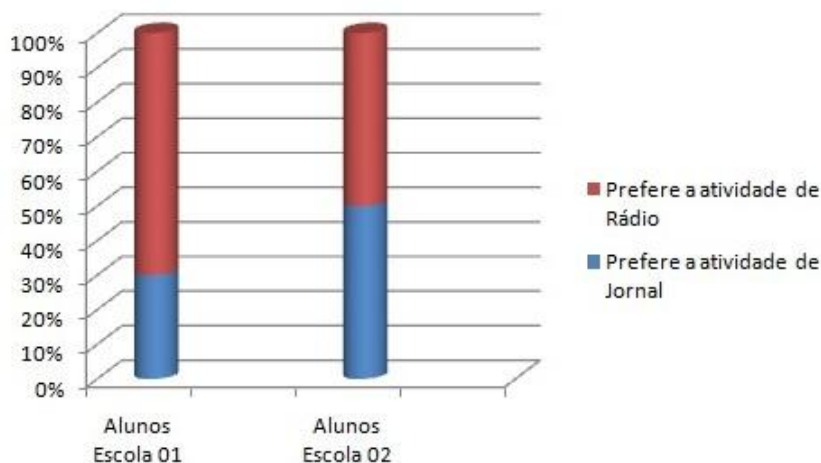
que detém o poder de selecionar o que vai ser noticiado. Dentro do ambiente escolar, essa capacidade de seleção pode ser explorada para estimular a crítica aos diversos assuntos, dando aos alunos a oportunidade de expor seus olhares sobre o seu ambiente, discutir perante o grupo, defender suas idéias e mesmo compreender que assuntos são relevantes para o grupo ou não.

É um estímulo que tende a ajudar na construção da democratização da comunicação, tornar a informação acessível a todos no sentido da capacidade de interação do indivíduo com as informações a seu redor. Como afirma Greenfield (1988) “Em virtude de a produção envolver sempre mais conhecimento do que a mera percepção parece provável que, uma vez que as crianças tenham tido experiência como produtoras, elas serão consumidoras mais exigentes”.

Para sondar as impressões dos alunos que participam do programa, foram entrevistados 30 alunos de cada instituição (a faixa etária é entre 7 e 12 anos). Constatou-se que dos 60 estudantes 88, 3% entendem que o programa contribui para melhorar o seu desenvolvimento. As crianças citaram situações diversas como a questão dos pais trabalharem fora e o programa ser mais uma alternativa para que eles não fiquem sozinhos em casa, citaram ainda a questão do maior aprendizado e fazer os exercícios escolares com ajuda dos próprios professores.

Quanto à preferência pela atividade de educomunicação tem-se que 64% do total de entrevistados preferem estudar rádio.

Gráfico 01. Preferência da atividade de educomunicação pelos alunos

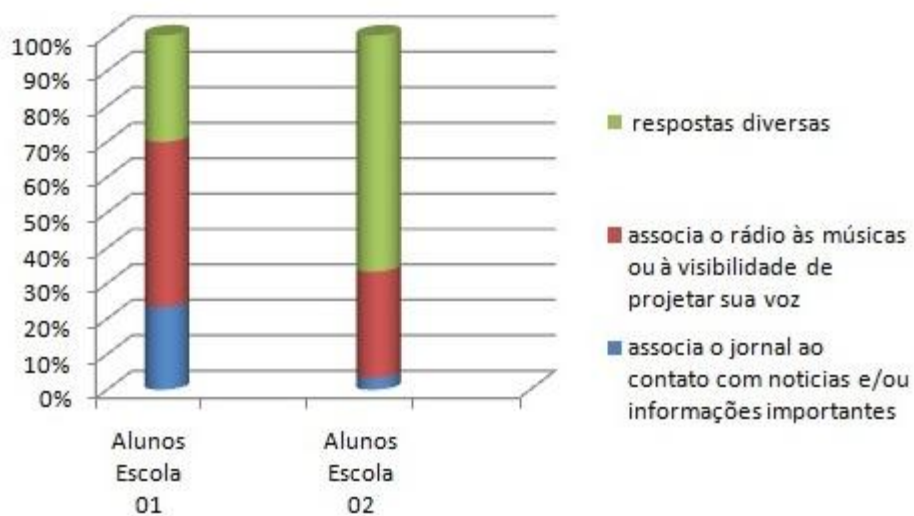


FONTE: Autora, 2011.

O interessante é a visão que as crianças têm dos dois elementos jornalísticos. O jornal, por exemplo, é para as crianças que o escolheram o elemento que mais se caracteriza como jornalístico. Para eles, jornal impresso inspira a seriedade própria do jornalismo, bem como o seu caráter investigativo, trabalhar em prol da verdade. Muitas crianças chegaram a citar as informações que seriam relevantes, falaram de acidentes e desastres naturais como informações importantes para o cidadão, o que foi bastante surpreendente.

Já o motivo de maior interesse das crianças com a atividade de rádio está relacionado à visão que elas têm do veículo: puro entretenimento. Isso é comprovado quando do total de comentários analisados somente 5% chegaram a citar que o rádio é importante para difusão de informações. Boa parte dos mesmos associa a atividade apenas a possibilidade de ser ouvido por muitos, ou à programação musical. (Gráfico 2).

Gráfico 02. Visão dos alunos sobre o jornal e a rádio



FONTE: Autora, 2011.

Se pensarmos que as atividades já estão em seu quarto ano de funcionamento em ambas as instituições, concluiremos que essa visão unilateral do veículo é superficial uma vez que o rádio como ferramenta jornalística não se resume à entretenimento. Por outro lado, a sedução das crianças pela beleza do veículo é mais que vantajosa para sua utilização como ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento:

A escola não pode desconsiderar ou negar a presença das mídias no cotidiano dos alunos. As novas tecnologias fazem parte do mundo da escola, do educando e do educador. Todos vivem e convivem numa sociedade movida pela informação. O rádio, como as outras mídias eletrônicas, é mais dinâmico,



atraente, sedutor e rápido do que a dinâmica escolar. (ASSUPÇÃO, 2006, pag.02)

A produção das crianças de ambas as escolas ainda é bastante pontual, nenhum exemplar de jornal foi disponibilizado para esta pesquisa apesar dos monitores afirmarem que já foram produzidas algumas edições. Quanto aos produtos de rádio tivemos acesso à quatro programas produzidos pela Escola 02. As crianças participaram como produtoras, redatoras e locutoras. Os temas abordados foram: respeito, comportamento, hanseníase, deficiências, sociedade, cigarros e drogas.

Apesar de entendermos que o Programa Mais Educação está em fase de implantação em muitas escolas, o que pôde ser constatado é que o mesmo tem algumas dificuldades materiais. Na parte técnica destaca-se a deficiência no material definido pelo MEC, demora ou ausência do Kit nas escolas, fator que resultou na redução do número de escolas aptas para o desenvolvimento desta pesquisa. O material definido pelo MEC, quanto à atividade de rádio não inclui um computador, nem os programas para edição. As crianças acabam produzindo um material que, geralmente não é armazenado, e que, portanto não constitui fonte de reflexão futura, inclusive sendo interesse desta pesquisa.

A ausência e atrasos nos Kits também atrapalham o andamento das atividades, sendo o principal empecilho para a maioria das demais escolas que, mesmo selecionando atividades da educomunicação, não puderam ainda de fato aplicá-la. A questão da ambientação da escola não é bem um problema, foi uma questão observada em especial na Escola 02: o espaço físico deve ser adaptado para as atividades escolhidas é o que cobra a escola, entretanto, a orientação do MEC prevê que a escola aproveite os espaços que já possui. Por isso mesmo, as escolas tem liberdade pra selecionar os macrocampos a serem trabalhados bem como as atividades viáveis à suas necessidades.

Na Escola 01 a rádio funciona através de uma caixa amplificadora e não dispõe de um local próprio para a produção e edição dos programas. Na Escola 02, a falta de computador é o principal problema, e a transmissão também é feita através de caixa amplificadora. Esta última escola, entretanto, possui programas editados e gravados, feitos graças ao trabalho voluntário. O que também é uma orientação do MEC, a busca de parcerias, o que, de fato faz a diferença como pôde ser observado. Essa parceria, inclusive, é uma ferramenta que pode ampliar as possibilidades de interação dos alunos com a sociedade, a medida que eles tem acesso à outras instituições como as empresas



jornalísticas e também na inserção de diferentes profissionais dentro do ambiente escolar.

Entre as contribuições das atividades de rádio e jornal, de acordo com um diagnóstico geral das coordenadoras e dos professores, têm-se melhorias na Oralidade, Dicção e Desinibição dos alunos. Dos professores entrevistados (3 de cada escola, tendo em vista que todos são polivalentes) 100% citaram a melhoria no desenvolvimento dos alunos. Assim, em ambas as escolas a Produtividade geral das crianças foi apontada como um fator visivelmente afetado pela interação com a educomunicação.

Dentro do desenvolvimento da oralidade, a construção de textos orais ao microfone leva o aluno-locutor a perder a vergonha de falar e se expor publicamente, elimina a timidez e possibilita a utilização da voz (na leitura e interpretação) de noticiários, informações educativas e cultura e dramatizações de histórias. Aprende a linguagem do rádio (sonorização, efeitos sonoros, voz e palavra) como códigos e processos de significação. Na produção de textos escritos, a participação dos alunos como produtores de uma programação de uma rádio escola contribui para o desenvolvimento da escrita e leitura. O trabalho interdisciplinar leva os alunos a sentirem-se mais incentivados e interativos no convívio com os professores e colegas de classe. (ASSUMPÇÃO, 2006).

Vale ressaltar aqui, que apesar de ser a atividade mais afetada pelas questões materiais, a rádio destacou-se nas escolas na preferência dos alunos, bem como nas contribuições para o melhor desempenho dos mesmos segundo a visão dos professores. Já para os monitores das atividades, que são geralmente alunos do curso de graduação em jornalismo, a prática é mais do que um simples laboratório já que eles estão trabalhando com a formação de cidadãos.

(...) Aqui não dá para trabalhar a teoria isolada da prática porque eles sentem a necessidade de estarem se mexendo, de estar praticando. (...) Eu tendo direcionar, principalmente para a questão da cidadania e para a questão social. Então, trabalho a questão das drogas, violência, a questão do sexo também só que de maneira bem mais leve porque eles são crianças, a questão familiar, porque a maioria deles tem problemas em casa. (...) eu não quero criar redatores, gente que saia daqui escrevendo porque isso é impossível, mas pelo menos eu quero incentivar para que eles se tornem pessoas melhores na nossa sociedade. (E.R. – monitor de jornal na Escola 02 a um ano de meio)

Considerações Finais

Há divergências constatadas entre as duas escolas, pelo fato de ambas encontrarem-se em momentos bem distintos, tanto à nível do programa quanto em seu contexto social. Na Escola 01, cujos alunos já têm um nível mais elevado, a educomunicação teve como



principal reflexo o estímulo ao pensamento crítico das crianças; Já na Escola 02, cujo público é caracterizado por crianças com dificuldade de relacionamento e aprendizagem, a educomunicação destacou-se como ferramenta de pontencialização no desenvolvimento dos estudantes, em questões como a escrita e a dicção.

Podemos ainda inferir que as potencialidades do programa Mais Educação, de modo geral, dependem mais do conhecimento e envolvimento do corpo docente (e monitores) do que das estruturas materiais, geralmente deficientes; E que a produção dos produtos jornalísticos trazem contribuições relevantes para o desenvolvimento social dos cidadãos em formação. A pesquisa mostra claramente que a educomunicação pode ir bem mais longe do que muitos estudiosos poderiam prever, uma vez que observamos uma contribuição bastante significativa da inserção da produção jornalística dentro de uma escola localizada em área de vulnerabilidade social (escola 02), com um corpo discente que convive em um contexto de drogas, violência e até marginalização.

A produção jornalística na escola tem, portanto, duas linhas principais de contribuições: a primeira é resultado do envolvimento direto que sugere o amadurecimento do individual dos alunos, já a segunda está no potencial dos conteúdos que são trabalhados nos jornais e rádio, uma vez que eles podem interagir com qualquer uma das demais disciplinas bem como com o microambiente do aluno: escola, vizinhança, as escolas próximas e etc.

Fica ainda um alerta às instituições que trabalham com a educomunicação ou pretendem implantar o sistema: é preciso diferir brincadeira e profissão, estabelecer o caráter funcional do jornalismo, ou seja, criar o vínculo entre o aluno e a profissão. Assim, o aluno tem acesso a um leque bem maior de benefícios ao invés de pensar o rádio apenas como meio de entretenimento. Isso porque ele irá se deparar com valores como ética, respeito, observação e atenção ao seu ambiente, e acima de tudo, responsabilidade social. O resultado esperado, e que pode de fato ser alcançado, é sem dúvida a construção de uma cidadania mais amadurecida e de uma democratização concreta da comunicação.



Referências

ASSUMPSÃO, Z. A. de **A rádio na escola: uma prática educativa eficaz.** Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Disponível em: www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/.../aradioescola-N2-2001.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Mais Educação Passo a Passo.** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Diretoria de Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania. Disponível em: http://serv01.informacao.andi.org.br/-79c2f01_115d80a527a_-7ff2.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Integral: texto referência para o debate nacional.** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2009.

DOLABELLA, A.R.V. **Jornal, Leitura e Escola - uma experiência de extensão em educação para a mídia** Apresentado no XVI COLE – Congresso de Leitura do Brasil; Campinas, 2007.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Editora: Vozes. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1983.

GREENFIELD, Patrícia M. **O desenvolvimento do raciocínio na era eletrônica: os efeitos da TV, computadores e videogames.** São Paulo: Summus, 1988.

MIRANDA, A.S. de **O Jornal Escolar e a Educação Problematicadora: vislumbrando uma aproximação** Publicado na Revista UNIrevista; Volume 1, Edição nº 3, em julho 2006. Fonte: www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Miranda.PDF

MORAES, D. (org.) **Por uma nova comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder.** 2º edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SOARES, I. de O. **Educomunicação: um campo de mediações.** Revista Comunicação & Educação, São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez de 2000.

TERRAZAS, S. M. G. **Educomunicação e Cultura: um diálogo mediático e transdisciplinar.** 2002. Disponível em: bdtd.ufal.br/tde_busca/processaArquivo.php?codArquivo=201